

Corpos no extremo: a gestão discursiva da morte no fisiculturismo de alto rendimento

RESUMO

Este estudo analisa como a morte de fisiculturistas de alto rendimento é construída discursivamente em reportagens de grande circulação. Parte-se do entendimento de que o óbito de atletas associados à disciplina, ao controle técnico e à potência corporal produz uma fratura simbólica que demanda reorganização narrativa. Trata-se de uma investigação qualitativa ancorada na Análise Crítica do Discurso, desenvolvida a partir de um monitoramento que identificou 170 óbitos relacionados ao fisiculturismo entre 2023 e 2026. Após triagem e saturação teórica, selecionaram-se dez reportagens referentes a seis casos emblemáticos. A análise evidenciou quatro eixos centrais: (1) a morte como limite discursivo do projeto corporal moderno; (2) a racionalização técnico-científica do corpo e o governo de si; (3) a gestão generificada da finitude; e (4) a produção da exceção aceitável por meio da estetização do excesso corporal. Conclui-se que o discurso jornalístico tende a administrar simbolicamente essas mortes sem produzir uma crítica estrutural à cultura do rendimento extremo, reinscrevendo o óbito como exceção individual.

PALAVRAS-CHAVE: Fisiculturismo; Morte; Biopolítica; Educação física

Eduardo Pinto Machado

Doutor em Ciências do Movimento Humano
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

eduardo.machado@ufrgs.br

<https://orcid.org/0000-0002-1137-8442>

Thais de Quadros Almeida Wandscher

Estudante do curso de Educação Física - ABI
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

thaisquadrow@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-1616-659X>

Alan Camargo Silva

Doutor em Saúde Coletiva
Escola de Educação Física e Desportos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

alancamargo10@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1729-5151>

Bodies at the limit: the discursive management of death in elite bodybuilding

ABSTRACT

This study analyzes how the deaths of elite bodybuilders are discursively constructed in major news media reports. It assumes that the death of athletes associated with discipline, technical control, and bodily power produces a symbolic rupture that demands narrative reorganization. Methodologically, this qualitative investigation is grounded in Critical Discourse Analysis and draws on a systematic monitoring process that identified 170 deaths related to bodybuilding between 2023 and 2026. After screening and theoretical saturation procedures, ten reports concerning six emblematic cases were selected. The analysis identified four central axes: (1) death as the discursive limit of the modern bodily project; (2) the techno-scientific rationalization of the body and the government of the self; (3) the gendered management of finitude; and (4) the production of the acceptable exception through the aestheticization of bodily excess. The findings suggest that journalistic discourse symbolically manages these deaths without producing a structural critique of extreme performance culture, reinscribing death as an individual exception.

KEYWORDS: Bodybuilding; Death; Biopolitics; Physical education

Cuerpos en el extremo: la gestión discursiva de la muerte en el fisicoculturismo de alto rendimiento

RESUMEN

Este estudio analiza cómo la muerte de fisicoculturistas de alto rendimiento es construida discursivamente en reportajes de gran circulación. Se parte del supuesto de que el fallecimiento de atletas asociados a la disciplina, el control técnico y la potencia corporal produce una ruptura simbólica que exige una reorganización narrativa. Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa sustentada en el Análisis Crítico del Discurso, desarrollada a partir de un monitoreo sistemático que identificó 170 muertes relacionadas con el fisicoculturismo entre 2023 y 2026. Tras los procedimientos de selección y saturación teórica, se eligieron diez reportajes referentes a seis casos emblemáticos. El análisis identificó cuatro ejes centrales: (1) la muerte como límite discursivo del proyecto corporal moderno; (2) la racionalización técnico-científica del cuerpo y el gobierno de sí; (3) la gestión generificada de la finitud; y (4) la producción de la excepción aceptable mediante la estetización del exceso corporal. Se concluye que el discurso periodístico administra simbólicamente estas muertes sin producir una crítica estructural a la cultura del rendimiento extremo, reinscribiendo la muerte como excepción individual.

PALABRAS-CLAVE: Fisicoculturismo; Muerte; Biopolítica; Educación física

INTRODUÇÃO

No conjunto das práticas corporais contemporâneas, o fisiculturismo de alto rendimento ocupa um lugar singular, frequentemente associado à radicalização de técnicas de intervenção sobre o corpo. Submetido a regimes intensivos de treino, controle nutricional, farmacologia aplicada e precisão biomecânica, o corpo do atleta passa a ser concebido menos como dado natural e mais como resultado de um processo técnico e simbólico de fabricação de si (Machado, 2020). Como observa Le Breton (2011), no contexto da contemporaneidade o corpo tende a ser compreendido como um “rascunho”, isto é, uma matéria plástica, permanentemente disponível à correção, à ampliação e à otimização.

Nesse cenário, a hipertrofia considerada extrema adquire centralidade não apenas como atributo estético, mas como signo de disciplina, autocontrole e rendimento. O vigor corporal no fisiculturismo, amplamente visibilizado em mídias especializadas e generalistas, emula uma imagem de potência e saúde. É justamente essa promessa de controle que se vê tensionada quando a morte surge no decorrer desse projeto técnico de soberania corporal. Entende-se que o falecimento de fisiculturistas, em grande parte das vezes jovens e em plena atividade esportiva, desestabiliza o imaginário da busca pelo alto desempenho e instaura uma crise de sentido que demanda elaboração simbólica (Machado; Silva, 2023).

No recorte aqui apresentado¹, problematiza-se como o discurso jornalístico constrói socialmente a morte de fisiculturistas, compreendendo o veículo de comunicação não como instância meramente informativa, mas como um dispositivo discursivo que organiza narrativas, distribui responsabilidades e administra estigmas. Destarte, ao tomar reportagens jornalísticas como material empírico, este estudo parte do pressuposto de que a morte, quando narrada, deixa de ser apenas um acontecimento biológico para tornar-se um objeto simbólico e discursivo, sentido este explorado classicamente por Mauss (2015). Interessa, portanto, identificar os eixos de sentido mobilizados para tornar inteligível o colapso de corpos socialmente percebidos como o ápice da potência física. Nesse horizonte, busca-se provocar de que maneira essas narrativas constroem o risco, distribuem responsabilidades e enquadram a fatalidade no interior do projeto corporal do alto rendimento.

¹ Este artigo insere-se em um projeto de pesquisa mais amplo sobre mortes no esporte e nas práticas corporais aprovado pela Comissão de Pesquisa da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS, sob o número 44588, que investiga os modos pelos quais diferentes práticas esportivas produzem sentidos sobre a finitude corporal

A problemática central que orienta esta análise refere-se ao modo como o risco inerente ao fisiculturismo é discursivamente enquadrado. A busca recorrente pelo “extremo”, comumente vista nas falas dos atletas quanto nas narrativas que os retratam (Machado; Fraga, 2024), ilustra uma negociação permanente entre controle técnico e possibilidade de colapso biológico. Quando essa fronteira é atravessada pela morte, o discurso jornalístico tende a reinscrever o acontecimento em registros que privilegiam explicações individuais ou biomédicas, deslocando o olhar das dimensões estruturais do esporte de alto rendimento (Silva, 2022), em consonância com achados sobre a naturalização do risco também no cotidiano das academias de ginástica (Silva; Machado, 2023). A morte, neste estudo, portanto, não é tomada como falha individual, mas como um ponto de condensação discursiva no qual se revelam as tensões estruturais que atravessam a prática esportiva de alto nível.

Assim, a relevância desta investigação reside na possibilidade de tensionar leituras naturalizadas sobre corpo, risco e rendimento esportivo. Ao analisar a morte como um acontecimento discursivo, o estudo contribui para compreender como certos ideais corporais e práticas de alto investimento técnico são legitimados, silenciados ou problematizados no domínio público. Nesse sentido, a morte não aparece como um ponto externo ao fisiculturismo, mas como um extremo discursivo a partir do qual se tornam visíveis as tensões entre a promessa de controle técnico e a persistência da vulnerabilidade orgânica.

Ante o exposto, este estudo analisa a construção discursiva da morte de fisiculturistas de alto rendimento nas revistas de grande circulação nacional e internacional.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa (Minayo, 2014), pautada na análise documental (Cellard, 2008) e na Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1992, 2010). O desenho metodológico seguiu um fluxo de afunilamento que se iniciou no monitoramento contínuo de óbitos realizado por nosso empreendimento de pesquisa, o qual identificou, até abril de 2026, o montante de 170 óbitos² entre praticantes de modalidades como fisiculturismo, levantamento de pesos e lutas. O propósito central aqui não é investigar a veracidade biomédica das causas de morte, mas compreender como o jornalismo constrói sentidos sobre o óbito de fisiculturistas, articulando

² Estes óbitos foram planilhados em arquivo eletrônico pelos autores deste artigo, para que fossem posteriormente analisados individualmente e categorizados a partir dos critérios de inclusão e exclusão neste estudo.

escolhas linguísticas, práticas discursivas e estruturas sociais mais amplas relacionadas ao corpo, à saúde e ao desempenho.

A partir desse mapeamento quantitativo bruto, procedeu-se a uma varredura individualizada no buscador Google News para verificar a repercussão midiática desses eventos. Para cada caso identificado no banco de dados, realizou-se uma busca cruzando o nome do atleta falecido aos descritores "morte", "fisculturista", "bodybuilder" e "óbito", no recorte temporal entre 2023 e 2026³. Essa etapa permitiu localizar inicialmente 35 reportagens veiculadas em meios de comunicação de grande circulação e de renome editorial, tanto nacionais quanto internacionais. A escolha por esses canais que são considerados portais de referência (como os portais G1⁴, CNN Brasil⁵, Metrôpoles⁶ e Zero Hora⁷) e agências de jornalismo esportivo global justifica-se pelo seu papel como instâncias de legitimação discursiva. Por vezes, tais veículos operam como "agendadores" da opinião pública, estabelecendo os marcos de inteligibilidade sobre o que é considerado um risco aceitável ou um desvio moral no esporte.

Durante o processo de triagem destas 35 peças, observou-se uma alta incidência de textos repetitivos, com conteúdos idênticos replicados em diferentes portais, fenômeno típico da reprodução de notícias de agência no ecossistema digital. Diante disso, aplicou-se o critério de saturação teórica (Strauss; Corbin, 2008; Fontanella et al., 2008; Fontanella et al., 2011), entendida como o ponto em que a inclusão de novos itens deixa de agregar elementos substancialmente novos à compreensão do fenômeno investigado, associada a um critério de representatividade discursiva: as dez reportagens selecionadas (referentes a seis casos emblemáticos) foram escolhidas porque esgotavam as diferentes formas de "explicar" a morte no campo midiático. Foram excluídos casos decorrentes de violência externa à cultura esportiva, de modo a manter o foco analítico na interface entre esporte, corpo e saúde. A exclusão de óbitos por causas externas (como acidentes de trânsito ou violência urbana) foi deliberada para garantir que o foco analítico permanecesse na morte decorrente do projeto somático, ou seja, aquela que emerge do coração da cultura do alto rendimento.

A seleção final justifica-se pela necessidade de tensionar quatro eixos analíticos construídos a partir da literatura sobre edgework (Lyng, 1990). Compreendido como um conjunto de práticas atravessadas pela negociação constante com situações de risco extremo, nas quais os sujeitos operam simbolicamente na fronteira entre controle e descontrole, segurança e colapso, o conceito de

³ Decidiu-se por este recorte temporal, pois em artigo anterior propusemos o recorte temporal entre os anos de 2015 e 2022 (Machado; Silva, 2023).

⁴ Link do portal G1: <https://g1.globo.com/>.

⁵ Link do portal CNN: <https://www.cnnbrasil.com.br/>

⁶ Link do portal Metrôpoles: <https://www.metropoles.com/>

⁷ Link do portal Zero Hora: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>

edgework (Lyng, 1990) permite compreender como o gerenciamento do risco passa a constituir elemento central da identidade no alto rendimento. O primeiro eixo refere-se às formas de legitimação técnico-científica do corpo, observadas em casos nos quais o saber acadêmico é mobilizado para afastar o estigma do “corpo irracional”, como na narrativa construída sobre Gui Bull. O segundo eixo abrange as dinâmicas de gênero e afetividade, revelando como a morte feminina é reorganizada por gramáticas de cuidado, sensibilidade e domesticidade simbólica, a exemplo das reportagens sobre Cíntia Goldani. O terceiro eixo explora a estética do grotesco e do excesso, em que a norma é reafirmada por meio da espetacularização do desvio e da desmedida, conforme ilustrado pelo caso de Illia Golem. Por fim, o quarto eixo analisa as tensões associadas à iatrogenia e à falibilidade técnica (Tavares, 2007), abarcando narrativas que deslocam o foco do estilo de vida do atleta para a falha hospitalar, o erro médico ou diagnósticos imprecisos, como observado na cobertura sobre Christian Figueiredo. Cabe destacar que, nesta etapa metodológica, os quatro eixos foram nomeados de modo descritivo, a partir dos temas empíricos identificados no corpus; na apresentação dos resultados, a seguir, esses mesmos quatro eixos são retomados sob rótulos mais analíticos, decorrentes do aprofundamento interpretativo realizado na discussão, sem alteração no número ou no conteúdo empírico das categorias originalmente construídas.

A análise foi conduzida em três níveis interdependentes (Fairclough, 1992; 2010). No nível textual, investigaram-se escolhas lexicais, adjetivações e modalidades verbais que qualificam tanto os sujeitos quanto seus desfechos, produzindo efeitos de heroificação, suavização ou espetacularização. No nível da prática discursiva, examinou-se a seleção de fontes, a circulação de vozes autorizadas e a interpenetração entre discurso médico, afetivo e esportivo. No nível da prática social, os achados foram articulados às dinâmicas contemporâneas de individualização da saúde, medicalização do corpo e naturalização do desempenho extremo.

Por tratar-se de material de domínio público, dispensou-se a submissão a Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme normativas vigentes para estudos documentais (Resolução CNS nº 510/2016)⁸. Ainda assim, manteve-se o compromisso ético de não realizar julgamentos moralizantes sobre as trajetórias analisadas, tratando as reportagens como expressões de representações sociais coletivas.

⁸ Disponível em <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acessado em 20 de maio de 2026.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nessa investigação, foram construídos quatro eixos analíticos: (1) a morte como limite discursivo do projeto corporal moderno, na qual o colapso é tratado como fratura narrativa que exige reparação; (2) a racionalização técnico-científica do corpo e o governo de si, evidenciando como o saber técnico-científico funciona como operador de racionalização do risco; (3) a gestão generificada da finitude, que reinscreve corpos femininos na gramática da afetividade para neutralizar sua potência disruptiva; e (4) a produção da exceção aceitável por meio da estetização do excesso, deslocando a crítica estrutural para a responsabilização individual, como poderá ser visto a seguir no Quadro 1.

Quadro 1 - Descrição dos óbitos

Nome	Idade	Identidade atribuída	Foco da narrativa	Fonte de validação
Hayley McNeff	37	Atleta e psicóloga	Contradição entre “morte pacífica” e revelação posterior	Mídia internacional / órgãos oficiais
Reportagem 1	Fisiculturista americana morre aos 37 anos; causa da morte não foi divulgada			
Reportagem 2	Causa da morte da campeã de fisiculturismo Hayley McNeff é revelada			
Nome	Idade	Identidade atribuída	Foco da narrativa	Fonte de validação
Lorena Blanco	37	Atleta de elite / referência	Fatalidade no auge da preparação	Marido / jornal esportivo
Reportagem 3	Fisiculturista espanhola morre aos 37 anos após sofrer parada cardíaca em casa			
Nome	Idade	Identidade atribuída	Foco da narrativa	Fonte de validação
Gui Bull	30	Cientista (mestre e doutor)	Defesa técnica do corpo e do intelecto	Namorada / redes sociais
Reportagem 4	Quem era Gui Bull, fisiculturista brasileiro morto aos 30 anos CNN Brasil			
Reportagem 5	Fisiculturista Gui Bull morre aos 30 anos GZH			
Nome	Idade	Identidade atribuída	Foco da narrativa	Fonte de validação
Illia Golem	36	“Hulk” / “monstro”	Espetacularização do excesso alimentar	Mídia internacional / esposa
Reportagem 6	Morre, aos 36 anos, bodybuilder que consumia 16,5 mil calorias por dia CNN Brasil			
Reportagem 7	'Queria ser como Rambo': Dieta de 16.500 calorias diárias de fisiculturista morto aos 36 anos incluía 108 sushis e 2,5 kg de carne			
Nome	Idade	Identidade atribuída	Foco da narrativa	Fonte de validação
Cíntia Goldani	36	Atleta “anjo”	Lirismo e choque clínico	Viúvo / organização esportiva
Reportagem 8	Quem era Cíntia Goldani, fisiculturista que morreu aos 37 anos CNN Brasil			
Reportagem 9	Choque séptico, sepse pulmonar, pneumonia bacteriana: entenda quadro que levou fisiculturista do RS à morte G1			
Nome	Idade	Identidade atribuída	Foco da narrativa	Fonte de validação
Christian Figueiredo	29	Atleta promissor	Iatrogenia e erro médico	Esposa / amigos próximos
Reportagem 10	Fisiculturista Christian Figueiredo morre em SP aos 29 anos G1			

Fonte: elaborado pelos autores (2026), com base no corpus jornalístico coletado e analisado.

A análise do corpus revela que a morte de fisiculturistas de alto rendimento surge no discurso jornalístico como um acontecimento que ameaça a coerência simbólica da cultura do máximo desempenho. Corpos socialmente investidos como evidência de controle técnico, racionalidade e soberania corporal, ao colapsarem precocemente, produzem uma fratura narrativa que exige reparação imediata. Essa fratura não é apenas biográfica, mas conceitual: ela atinge a própria ideia de corpo como projeto contínuo de aperfeiçoamento, central à racionalidade moderna das práticas corporais.

À luz de Le Breton (2003; 2011), o fisiculturismo radicaliza a noção do corpo como “rascunho”, isto é, uma matéria permanentemente inacabada, submetida à correção técnica e à vigilância constante. As reportagens reiteram esse enquadramento ao enfatizar que os atletas estavam “em plena preparação”, “no auge da carreira” ou “às vésperas de grandes competições”. A morte aparece, assim, como interrupção indevida de um processo ascensional, e não como possibilidade constitutiva da própria lógica do rendimento extremo que sustenta o projeto corporal. O colapso do corpo não invalida tal projeto; ele o frustra momentaneamente.

É nesse ponto que a morte se torna um problema discursivo. Para preservar a crença no corpo soberano, o jornalismo opera como instância de reorganização simbólica do risco, deslocando-o do plano estrutural do esporte para o plano da exceção individual. Esse movimento, que atravessa todo o *corpus* documental, estrutura processos de racionalização técnico-científica do corpo nos quais o saber técnico e o governo de si funcionam como ferramentas de racionalização da morte.

Essa dinâmica torna-se particularmente visível em narrativas que enfatizam o capital técnico-científico do atleta. No caso da cobertura sobre a morte de Gui Bull, por exemplo, nota-se que o capital acadêmico é mobilizado como operador central dessa racionalização discursiva. A recorrência de expressões como “mestre e doutor em Bioquímica” e “cientista” não cumpre apenas uma função informativa, mas produz um enquadramento moral e epistemológico específico. Trata-se da construção de um sujeito que supostamente conhece profundamente os mecanismos do próprio organismo e, por conseguinte, governa de modo estritamente racional os riscos inerentes ao seu projeto somático.

Gui Bull como um perito (Reportagem 5, Eixo 2):

Além da atuação prática no esporte, Gui Bull mantinha **forte ligação com a ciência**. Era **formado em Biologia** pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar) e possuía **mestrado e doutorado em Bioquímica** pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente, cursava Nutrição no Centro Universitário de Maringá.
(Reportagem 5)

Essa construção dialoga diretamente com a noção foucaultiana de governo de si (Foucault, 2008; 2019; 2020)), em diálogo com a leitura de Rose (2013) sobre a política da própria vida e a governamentalidade biomédica do corpo contemporâneo. O atleta é apresentado como sujeito plenamente integrado à racionalidade biopolítica contemporânea: informado, disciplinado, tecnicamente competente. O risco, nesse enquadramento, não desaparece, mas torna-se aceitável porque aparece como administrável. A causa da morte — descrita como “broncoaspiração” — reforça esse efeito ao deslocar o foco de sistemas frequentemente associados ao desgaste do alto rendimento, reinscrevendo o óbito no campo do acidente fisiológico.

A interdiscursividade entre jornalismo, medicina e testemunho afetivo intensifica esse processo. A fala da companheira do atleta, ao afirmar que ele “sabia exatamente o que fazia”, opera como validação moral do projeto corporal: o corpo que sucumbe não é lido como um corpo do excesso, mas como um organismo traído pela contingência biológica. Nesse sentido, a morte não coloca em xeque a lógica do rendimento absoluto; ao contrário, reafirma a promessa moderna de que o conhecimento técnico é capaz de domesticar a carne, ainda que não consiga anulá-la completamente.

Essa gestão discursiva da finitude, contudo, é atravessada por marcadores de gênero que operam uma neutralização simbólica da potência corporal. Quando o corpo que morre é feminino, a reparação assume outra configuração: no caso de Cíntia Goldani, observa-se um deslocamento sistemático do rigor técnico e do êxito somático para uma gramática da afetividade. Termos como “doce”, “sensível”, “mãe dedicada” e “inspiração” assumem a centralidade narrativa, enquanto a musculatura hipertrofiada — elemento potencialmente disruptivo das normas de gênero — é diluída em prol de uma identidade pautada pelo cuidado e pela sensibilidade.

A sensibilidade de Cíntia como neutralização da potência corporal (Reportagem 7, Eixo 3):

Outra **paixão** na vida da fisiculturista eram os **poemas**. Cíntia Goldani, inclusive, escrevia e compartilhava os seus textos nas redes. **O tema sobre o qual falava com maior frequência em seus poemas era o amor.**
(Reportagem 8)

A reconstrução moral da atleta para além da musculatura (Reportagem 2, Eixo 3):

Além do fisiculturismo, McNeff também se destacou como mergulhadora e esquiadora. Após se aposentar das competições, dedicou-se aos estudos em psicologia: “Lembro-me de vê-la pessoalmente na Total Fitness. Ela tinha uma **personalidade vibrante e um sorriso muito caloroso!** Descanse em paz! **Uma linda moça por dentro e por fora!**”, escreveu um fã.
(Reportagem 2)

Esse movimento pode ser lido, à luz de Goffman (1988), como uma gestão do estigma. O corpo feminino musculado, que desafia expectativas tradicionais de feminilidade, torna-se discursivamente desconfortável no momento do colapso. Para torná-lo inteligível, o jornalismo reinscreve essas atletas no domínio da vulnerabilidade, enfatizando laços afetivos, trajetórias de cuidado e fatalidades clínicas como “pneumonia bacteriana” ou “choque séptico”.

O colapso do corpo no auge da preparação (Reportagem 3, Eixo 1)

Segundo o jornal espanhol Sport, a **atleta sofreu uma parada cardíaca em casa**, na cidade de Lugo, e chegou a ser levada com urgência ao Hospital Universitario Lucas Augusti (HULA), mas não resistiu. [...] **Lorena estava em plena preparação para competir no Mr. Olympia**, o torneio mais prestigiado do fisiculturismo internacional, que acontecerá em outubro, em Las Vegas, nos Estados Unidos.
(Reportagem 3)

A mediação da causa mortis por vozes masculinas — companheiros, treinadores ou familiares — reforça esse enquadramento. São eles que explicam, justificam e garantem a “pureza” moral da narrativa pública. Enquanto o corpo masculino é legitimado pelo saber técnico, o corpo feminino é protegido pela afetividade. Em ambos os casos, o efeito é semelhante: a morte não tensiona a lógica da performance, mas é absorvida por dispositivos que preservam a ordem simbólica do esporte.

Esse padrão evidencia como a cultura do rendimento extremo incide de forma assimétrica sobre corpos generificados. Mesmo quando investido de força e disciplina, o corpo feminino é simbolicamente reinscrito na esfera da domesticidade no momento em que o projeto corporal se interrompe. O colapso não é interpretado como limite estrutural do regime de práticas, mas como perda afetiva, reorganizando discursivamente sua potência sob a chave da vulnerabilidade. A morte não desestabiliza o ideal de performance; ela o reordena conforme hierarquias de gênero já naturalizadas no campo esportivo.

Exemplarmente, a cobertura da morte de Illia Golem mobiliza um dispositivo distinto: a estetização do excesso e a produção da exceção moral. Epítetos como “monstro” ou “fisiculturista mais extremo do mundo”, associados à enumeração obsessiva de números — “16.500 calorias”, “108 peças de sushi”, “160 kg” — constroem uma narrativa em que o corpo aparece como desmedida.

A quantificação do excesso Illia Golem como espetáculo narrativo de (Reportagem 7, Eixo 4):

Em outubro do ano passado, por exemplo, o atleta viralizou ao revelar que comia 108 sushis num só dia. Na ocasião, a revista divulgou um exemplo da dieta diária típica de Golem, com comida japonesa, 2,5 quilos de carne e bastante arroz.

Café-da-manhã (8h): 300 gramas de aveia em flocos.
Almoço 1 (11h): 3 pratos de sushi com 36 peças cada um (ou seja, 1.600 gramas de arroz e 800 gramas de salmão).
Almoço 2 (13h30): 1.300 gramas de carne de vitelo e uma sobremesa de crepes com sorvete.
Almoço 3 (15h40): 500 gramas de arroz, azeitonas, ômega 3 e uma tigela de macarrão fresco.
Jantar 1 (16h50): 200 gramas de queijo e 300 gramas de macarrão.
Jantar 2 (19h30): 1.300 gramas de carne de vitelo e 700 gramas de queijo cottage ou requeijão.
Refeição 7 (21h15): 14 panquecas de aveia com xarope de bordo.
(Reportagem 7)

Aqui, o risco não é silenciado, mas hiperbolizado. À luz de Bakhtin (2010), o corpo de Golem aproxima-se do grotesco: um corpo que ignora limites, que se expande para além da harmonia e da medida. A morte cerebral e a parada cardíaca surgem como desfecho quase natural de uma trajetória apresentada como radical e desviante. A ausência de explicações clínicas detalhadas é compensada pela dramatização do excesso, sugerindo que a causa mortis é o próprio projeto corporal.

Esse enquadramento produz um efeito político preciso: ao individualizar completamente a responsabilidade pelo colapso, o sistema de produção da performance permanece intocado. A morte de Golem funciona como advertência simbólica, reforçando a norma por meio da exceção. Não se morre por performar, mas por ultrapassar um limite implícito de aceitabilidade estética. O excesso, convertido em espetáculo, protege a normalidade do fisiculturismo enquanto prática legítima.

À luz da noção de *edgework*, o risco aparece aqui como fronteira vivida e negociada (Lyng, 1990), sugerindo que o problema central não reside no flerte com o limite, mas em torná-lo visível demais. Nesse sentido, a morte de Golem marca o ponto exato em que o risco deixa de ser administrável para se tornar moralmente condenável, funcionando como um contraexemplo que reafirma a racionalidade dominante da performance controlada.

Longe de representar uma ruptura, essa finitude atua como um espelho crítico: quando tomados em conjunto, esses movimentos analíticos revelam que a morte, no fisiculturismo, não desorganiza a cultura do máximo desempenho, mas a expõe em seu limite discursivo. Assim, as narrativas jornalísticas não produzem uma crítica estrutural ao esporte de alto rendimento; antes, reorganizam o óbito por meio de dispositivos que preservam a crença na soberania corporal, ainda que passem a reconhecer, de forma inevitável, a sua falibilidade.

A morte torna-se, assim, o ponto em que a promessa de controle técnico encontra a vulnerabilidade orgânica — não para negar o projeto da performance, mas para reinscrevê-lo simbolicamente como ideal possível. O corpo hipertrofiado, ao deixar de performar, passa a

funcionar como analisador privilegiado das racionalidades que atravessam o esporte contemporâneo. Ao evidenciar os mecanismos discursivos que tornam a morte inteligível sem desestabilizar a ordem do rendimento, esta análise prepara o terreno para a compreensão da finitude não como algo exterior ao fisiculturismo, mas como fronteira constitutiva do próprio ideal de performance.

Essa fronteira desvela o que pode ser chamada de uma biopolítica do rendimento, na qual a análise transversal das reportagens revela que a morte do fisiculturista de elite atua como um "analisador social" das entranhas da cultura contemporânea. Ao confrontar o colapso de corpos que representam o paroxismo do controle técnico, o discurso jornalístico não apenas relata um óbito, mas opera uma manutenção da ordem simbólica do esporte contemporâneo. O ponto nevralgico desta discussão reside no modo como a racionalidade neoliberal da "gestão de si" (Foucault, 2008; 2019; 2020) é preservada, mesmo diante da evidência da falibilidade orgânica.

Um movimento crítico desse processo de gestão discursiva é a transmutação do risco sistêmico em erro individual. Nas narrativas examinadas, o fisiculturismo enquanto instituição e mercado — com suas exigências estéticas inalcançáveis e sua farmacologia onipresente — permanece em uma zona de invisibilidade. A morte nunca é apresentada como uma consequência lógica de um sistema que premia o excesso; ela é sempre o resultado de uma contingência: uma biologia "traíçoeira" (a pneumonia), um acidente mecânico (a broncoaspiração) ou um desvio voluntário da norma. Essa manobra discursiva despolitiza a morte e silencia sobre a iatrogenia (Tavares, 2007) do alto rendimento, protegendo as estruturas que incentivam o *edgework* (Lyng, 1990) — o flerte constante com o limite catastrófico, como é possível de observar nos trechos a seguir:

A defesa biomédica do corpo e a disputa pela “verdade do óbito” de Gui Bull (Reportagem 10, Eixo 2 e Eixo 1):

A morte foi anunciada por meio das redes sociais pela médica Jéssica Benello, namorada do atleta e consultor esportivo. Ela afirma que a causa do óbito foi asfixia por broncoaspiração. Ela rebateu boatos de que a morte do fisiculturista estaria relacionada ao uso de anabolizantes: “A causa da morte do Gui não foi ‘suco’, como muitos desinformados e maldosos andaram dizendo [...] Não tem relação alguma com as especulações absurdas que já circularam por aí.”
(Reportagem 10)

Nesse horizonte, a aparente contradição entre o *edgework* (o controle voluntário do risco extremo) e a iatrogenia (a falha involuntária da técnica médica) é resolvida, no discurso jornalístico, por meio de uma manobra de externalização da falha. Se no *edgework* a identidade do fisiculturista é forjada na capacidade de flertar com o limite sem sucumbir a ele, a morte representa uma derrota

dessa onipotência técnica. É precisamente aqui que o recurso à iatrogenia atua como um dispositivo de salvaguarda simbólica. No caso de Gui Bull, ao atribuir o óbito a uma “asfixia por broncoaspiração”, bem como no caso de Christian Figueiredo, ao atribuir o óbito a um “infarto em procedimento cirúrgico”, o jornalismo preserva a validade do *edgework* praticado pelo atleta. A narrativa sugere que o projeto somático era tecnicamente viável e que o colapso não decorreu do regime de excessos do fisiculturismo, mas de uma “traição” externa da técnica institucional.

Dinâmica semelhante é observada na cobertura sobre Cíntia Goldani, onde a complexidade do alto rendimento é eclipsada por um diagnóstico de “pneumonia bacteriana” e “choque séptico”. Ao detalhar sintomas clínicos e formas de contágio, a mídia desloca o risco sistêmico para uma fatalidade biológica comum, eximindo o estilo de vida do atleta de responsabilidade direta. Em ambos os exemplos, a iatrogenia e o diagnóstico clínico fortuito não negam a vontade de risco; ao contrário, servem para 'limpar' o projeto corporal de qualquer suspeita de irracionalidade. O jornalismo reconcilia esses conceitos ao transformar a morte em um acidente de percurso da modernidade técnica, garantindo que o risco sistêmico do esporte permaneça invisibilizado e que a promessa de soberania corporal (núcleo do *edgework*) continue intacta para os sobreviventes.

A medicalização da fatalidade de Cíntia Goldani e a neutralização do risco estrutural (Reportagem 9, Eixo 3):

O namorado de Cíntia, o bodybuilder Gustavo Cesar, lamentou a morte através de uma postagem no Instagram, onde mostrou parte do atestado de óbito da fisiculturista com a causa da morte: choque séptico como consequência de uma sepse pulmonar após pneumonia bacteriana.

O que é o choque séptico que atingiu a fisiculturista?

O choque séptico ou sepse... [*segue com explicação das questões fisiológicas do choque séptico e da pneumonia*].

(Reportagem 9)

Ademais, a distinção observada entre o capital acadêmico e a afetividade de gênero demonstra que a sociedade estabelece uma hierarquia de aceitabilidade para a morte. O recurso à racionalização técnico-científica do corpo (o atleta-doutor) e à domesticação lírica (a atleta-anjo) serve para "limpar" o cadáver, retirando-o do terreno do estigma e devolvendo-o ao terreno da virtude. Há uma tentativa de provar que aqueles sujeitos, embora hipertrofiados, eram "como nós": estudavam, amavam e sentiam. O esforço de humanização póstuma revela, ironicamente, o quanto o corpo hipermusculoso é percebido como "Outro" ou "estranho" enquanto está vivo. A morte, portanto, é o momento em que a cultura corporal tenta reconciliar o "monstro" do rendimento extremo com o "humano" da biologia.

O que o campo mediático opera, portanto, é um duplo obscurecimento amparado pela medicalização da existência. Ao focar na iatrogenia clínica, a partir do imprevisto técnico na mesa

de cirurgia de Figueiredo ou a fatalidade bacteriana no pulmão de Goldani, o jornalismo constrói um cordão sanitário discursivo. Essa operação resguarda o que a crítica biopolítica define como iatrogenia social ou estrutural (Tavares, 2007): o momento em que a própria instituição (neste caso, o mercado e a cultura do fisiculturismo) cria as condições patogênicas que adoecem a população que ela finge cuidar ou performar.

O paradoxo do alto rendimento reside no fato de que o estatuto de "super-saúde" ou soberania corporal do atleta é indissociável de uma dependência farmacocômica crônica e de uma vigilância médica permanente. Quando a mídia reduz o óbito à iatrogenia procedimental, como, por exemplo, a falha do hospital (Tavares, 2007), ela impede que o público perceba que a verdadeira iatrogenia é de matriz cultural. O sistema do fisiculturismo transforma o dano biológico em pré-requisito para o êxito somático.

Esta análise aponta, em última instância, para uma reflexão necessária sobre a soberania corporal na modernidade tardia. O fisiculturismo encarna a promessa de que a “técnica pode tudo”, inclusive silenciar a fragilidade da carne. Quando a “técnica falha e o corpo morre”, o jornalismo atua como um dispositivo de contenção para que essa falha não contamine o ideal de invulnerabilidade dos sobreviventes. Observa-se, assim, uma pedagogia da negação: ensina-se que a morte é uma exceção infeliz, e não uma fronteira constitutiva de um projeto somático que busca negar a própria finitude. O corpo inquebrável revela-se como uma ficção política que cobra seu preço na materialidade da vida. Movimento inverso, mas complementar, ocorre nos casos em que o corpo sobrevive ao colapso: a leitura foucaultiana feita por De Souza Oliveira, Machado e Silva (2024) sobre a cobertura midiática da parada cardíaca de Christian Eriksen mostra como o retorno do atleta à vida é discursivamente celebrado como triunfo da técnica médica, reforçando, por via inversa, a mesma crença na soberania corporal que, nos casos aqui analisados, a morte ameaça e a narrativa jornalística se empenha em restaurar.

Esse enquadramento analítico torna-se o ponto nevrálgico da discussão, pois explicita uma pedagogia implícita do alto rendimento: quanto maior o capital técnico-científico atribuído ao sujeito, menor parece ser a urgência de interrogar o regime de práticas que sustenta a maximização da forma. O conhecimento passa a figurar como garantia de governabilidade, convertendo o risco sistêmico em um atributo meramente individual. Assim, a morte deixa de operar como uma crítica à cultura corporal para se tornar um limite tolerável dentro de uma racionalidade que, em última instância, segue apostando na soberania técnica sobre a vida — uma problemática que impõe desafios éticos e epistemológicos às considerações finais que se seguem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das narrativas jornalísticas sobre a morte de fisiculturistas de alto rendimento permite afirmar que o óbito não opera, nesse universo simbólico, como ruptura externa ao esporte, mas como seu limite discursivo interno. Longe de produzir uma crítica estrutural ao fisiculturismo ou à cultura do máximo desempenho, a morte é sistematicamente reorganizada por dispositivos de legitimação que preservam a crença na soberania corporal, ainda que reconheçam sua falibilidade. O colapso do corpo não invalida o projeto; ele o reinscreve como ideal possível, desde que tecnicamente administrado, moralmente enquadrado e simbolicamente reparado.

Os casos analisados evidenciam que essa reparação discursiva assume configurações distintas conforme os marcadores de saber, gênero e estética mobilizados nas narrativas. O capital acadêmico, ao ser reiteradamente destacado, opera como mecanismo de legitimação ancorado na racionalidade técnica: o atleta é apresentado como sujeito reflexivo, gestor consciente de si, cuja formação científica funcionaria como garantia de controle sobre o próprio corpo. Nesse enquadramento, a morte é deslocada para o registro do acidente imprevisível, preservando a crença moderna na governabilidade da carne e suspendendo a interrogação sobre o regime de práticas que sustenta o rendimento extremo.

Nos casos femininos especificamente, a reorganização simbólica do óbito segue outra lógica. A ênfase na afetividade, na maternidade ou na delicadeza reinscreve o corpo musculado em uma gramática da vulnerabilidade, neutralizando a tensão produzida por sua potência física. A interrupção do projeto corporal não é lida como limite estrutural do alto rendimento, mas como perda afetiva, reordenando discursivamente a inteligibilidade desse corpo no interior de normas generificadas. Já na estetização do excesso, como no caso do corpo hiperbolizado e descrito como “monstruoso”, o risco deixa de ser silenciado e passa a ser dramatizado. O exagero individualizado funciona como fronteira moral: ao converter o colapso em espetáculo, a narrativa isola o desfecho como desmedida singular, preservando a racionalidade do sistema que produz e valoriza a maximização da forma.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis, ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em:

<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acesso em: 03 de setembro de 2026.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

DE SOUZA OLIVEIRA, Leonardo Hernandes; MACHADO, Eduardo Pinto; SILVA, Alan Camargo. Morreu e ressuscitou! Uma leitura foucaultiana sobre o caso do jogador de futebol Christian Eriksen. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 22, n. 1, p. 32672-32672, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36453/cefe.2024.32672>

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. 2. ed. London: Routledge, 2010.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; LUCHESI, Bruna Moretti; SAIDEL, Maria Giovana Borges; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro; MELO, Débora Gusmão. Amostragem em pesquisas qualitativas: propostas de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 389-394, fev. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000200020>

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978–1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LYNG, Stephen. Edgework: A Social Psychological Analysis of Voluntary Risk Taking. **American Journal of Sociology**, v. 95, n. 4, p. 851–886, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/229379>

MACHADO, Eduardo Pinto; SILVA, Alan Camargo. Do palco ao túmulo: compreensões sobre mortes de fisiculturistas em coberturas jornalísticas. **Revista Corpoconsciência (Eletrônica)**, v. 27, p. 1-17, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.51283/rc.27.e14512>

MACHADO, Eduardo Pinto. **“Segue o plano!”**: a relação de autoridade/obediência entre coach e pupilo no processo de construção corporal do fisiculturista. 2020. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/221616> Acessado em: 05 de fevereiro de 2026.

MACHADO, Eduardo Pinto; FRAGA, Alex Branco. Etnografia realista: uma proposta para vivenciar um objeto de estudo “na própria pele”. **Pro-Posições**, Campinas, v. 35, e2024c0504BR, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2022-0049BR>

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

ROSE, Nikolas. **A política da Própria Vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, Alan Camargo. Morte súbita no esporte de alto rendimento: mídia nacional sob suspeita. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 26, n. 285, p. 186-197, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.46642/efd.v26i285.2841>

SILVA, Alan Camargo; MACHADO, Eduardo Pinto. Treinos mortais: desvendando narrativas de saúde e risco em academias de ginástica. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 14, p. 319-329, 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8853>

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAVARES, Felipe de Medeiros. Reflexões acerca da iatrogenia e educação médica. **Rev bras educ med** [Internet]. 2007. May;31(2):180–5. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022007000200010>

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS – não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - não se aplica

FINANCIAMENTO

O financiamento da pesquisa ocorreu por meio de bolsa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGE - não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência** - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITORA DE SEÇÃO

Luciana Fiamoncini

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 26/05/2026

Aprovado em: 26/08/2026

Publicado em: 08/09/2026